

## Preço da assignatura

Na cidade	Anno . . . . .	1\$200 rs.
	Semestre . . . . .	600 "
Fóra da cidade	Anno . . . . .	1\$400 rs.
	Semestre . . . . .	700 "
Numero avulso . . . . .		30 "

## Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

# JORNAL DE GUIMARÃES

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

Orgão do Centro Nacional

Editor

Francisco A. da Silva

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Guimarães, 18 de outubro de 1902

## NACIONALISMO

Pertence á importante serie, de que aqui fallamos no ultimo numero, o artigo seguinte:

Mas ideias, principios, doutrinas, tudo isso são meras abstracções. Para a sua realização, é mister haver homens; e a capacidade moral e intellectual dos homens ha de ser sempre o padrão seguro para avaliar da força dos partidos.

Proclamação de boas ideias, programma de boa doutrina, todos podem fazê-los, de um para outro momento. Esse é campo theorico, das boas palavras e das boas promessas, com que ainda se illudem os ingenuos.

O campo politico, comtudo, para um partido de acção, é todo pratico. E' necessario que se vejam e se conheçam os homens, por isso que não podem as ideias, nem os principios, nem as doutrinas, ser chamadas a exercer funcções de governo e de administração, ou de vigilancia. Por outro lado, todos estamos fartos de ouvir syntheses famosas de seductores propositos. *Moralidade e economia* são palavras já gastas, de tanto andarem sempre na bôcca de toda a gente.

Pelo que, bem apurado tudo, fica ainda, apenas e afinal, de positivo e de pratico, como criterio politico, a confiança nos homens. Digam o que disserem contra os *personalismos*, é esta a verdade. O mais são idealismos sem valor real.

Creemos que, expondo esta objecção dos que atacam o Nacionalismo, ou dos que de boa fé o criticam, não o fizemos sem o cuidado de a fundamentar o melhor possivel. Não quisemos atenuar-lhe o valor. Bem ao contrario, pretendemos dar-lhe todo o relevo.

Respondamos:

Primeiramente, é certo que tem alto valor e merece subido apreço a capacidade intellectual e moral dos homens. Maior apreço ainda, sem duvida, a capacidade moral. Estamos, nesta parte, de pleno accordo: nunca, nas nossas campanhas anti-personalistas, o contestamos, de leve que fosse. Seria simplesmente absurdo.

Nem esta é propriamente, nem podia ser, a questão.

Outro é o objecto da controversia.

Homens evidentemente os ha em todos os partidos; nem sem elles os partidos podiam existir. São a sua materia prima. Consideremos porém em abstracto dois partidos: um, formado de adhesões, espontaneas e desinteressadas, a um programma de doutrina, definida e clara, publica e solemnemente proclamada; outro, constituído por adhesões a um homem, da mais alta capacidade moral e intellectual, mas silencioso, retrahido, evitando cautelosamente compromissos de opinião; ou ainda damos de barato, que este homem definiu e proclamou os seus ideaes politicos.

Assentemos tambem mais, que, no 1.º e 2.º casos figurados é igual a capacidade moral, e superior a capacidade intellectual, na segunda hypothese.

Estamos, notem bem, discutindo uma these.

E afirmamos que o 1.º caso dá mais garantias, como partido politico, para o bom governo da Nação. E é bem simples prová-lo, como vamos já vêr.

As adhesões, no 1.º caso, são ás ideias e aos principios. Os homens, que alli estão agrupados, reuniram-se, porque todos têm os mesmos ideaes; e pela força delles foram determinados a unir-se e a organizar-se, para que elles se tornem realidades, orientando e dominando o governo da Nação.

Unidos sómente por essa comunidade de principios, cada um desses homens é um soldado consciante, convicto, livre, que sabe o que quer, para onde vai, e a lei, que rege e domina a legião, em que se encorporou: e é um fiscal austero do proprio commando do partido, prompto a adverti-lo, se se desvia do seu rumo.

Na opposição, ou no governo, essa legião marcha unida sempre, e só vê a bandeira, em torno da qual se reuniu.

No 2.º caso, mesmo quando haja programma definido, as adhesões baseiam-se, fundamentalmente, na confiança no homem, que é o chefe. Esse chefe absorve e domina, soberano, consciencias e vontades. Autocrata, impõe a sua auctoridade, suprema e indiscutivel. O seu programma é delle; mas é principalmente elle, porque a sua vontade está acima de tudo e de todos. As

adhesões basearam-se na confiança. Essa confiança prepondera no animo dos adherentes, e fá-los acatar, submissos, as decisões do seu chefe e senhor. Elle manda: os outros obedecem. A confiança no chefe é a base de toda a sua força de cohesão.

No 1.º caso, o *estado maior* do partido forma-se, naturalmente, por distincção. Vão apparecendo e levantando-se, pela força do seu merito proprio, uns hoje, outros amanhã; e vão sendo consagrados pela força dos factos, decorrendo sem convenções, nem artificios, nem favoritismos.

No 2.º caso, o *estado maior* é formado pela livre escolha do chefe. Elle é quem nomeia os sub-chefes, quem promove, ou quem pretere, como entende em seu alvedrio.

Vê-se bem pois, neste simples paralelo, a superioridade da primeira hypothese figurada.

Ahi, não ha possibilidade de falsear a doutrina, ou de faltar ao programma. Quem o fizesse, *ipso facto* estava fóra do partido; em vez do seu apoio, teria a sua opposição, fosse quem fosse, ainda o chefe dum governo, porque ninguem estava adstricto a essa pessoa, e ninguem se tinha unido por considerações pessoais, mas para a defesa de doutrinas.

No 2.º caso, não só existe essa possibilidade, mas esse facto é quasi certo. O chefe não tem fiscaes, nem póde têr oppositores. Quem se opposer, fica á margem, esteja muito embora no bom campo. Primeiro do que tudo, está a auctoridade de chefe, que inspira a confiança, que é alicerce da força de cohesão. Esse grupo está ligado a esse homem: esse homem é tudo para elle. E' preciso pois, primeiro do que tudo, manter a sua chefatura com o seu poder discricionario. Nestas condições, baseado este grupo no principio da confiança pessoal, é claro que tudo fica dependente da pessoa, dessa pessoa, desse homem, desse chefe.

Mas póde elle ser optimo, não errar, ser um bom governante, não trair a sua missão, antes cumprir religiosamente o seu programma.

Este argumento é hypothetico apenas.

Analogamente se argumentaria, defendendo o regime despotico, dum rei absoluto. Póde ser a melhor forma de governo, numa hypothese que se figure: póde.

Comtudo, ninguem a sério produz semelhante argumento.

Assim pois, ha analogia entre as fórmulas de organização dos dois partidos, representados na hypothese, que vimos considerando, e o modo de ser dos governos democratico e absoluto, correspondendo respectivamente á primeira hypothese a forma democratica, e á segunda a forma absoluta.

Notemos que fizemos á segunda hypothese a concessão de superior capacidade intellectual; e, ainda assim, é bem de vêr-se que, de boa fé, e criticando os dois regimes, ninguem optaria por ella. Porque lá, a lei suprema é a vontade do chefe apenas, ao passo que, no primeiro caso, a lei suprema é fixa, prestabelecida.

Aqui cuida-se apenas de executar, de pôr em acção, de effectivar doutrina assente. Lá, embora haja tambem doutrina, sobre ella impera o arbitrio do chefe.

Essa superioridade intellectual supposta é pois elemento sem valor, no caso sujeito, ou o seu valor é annullado por outra ordem de considerações, que derivam do intimo modo de ser dos dois partidos.

A questão primaria está na origem, na razão de ser, na causa determinante da congregação das forças partidarias: num caso, foi a *comunidade de ideaes*; no outro foi a *confiança pessoal*.

Um partido politico não póde ter como razão de existencia, como base de organização, como fundamento de doutrina, a confiança num homem.

Fallamos dum modo abstracto, em these.

Evidentemente, cabendo na primeira hypothese, e ajustando-se precisamente a esse modelo, o Nacionalismo, fica dada resposta á objecção, que formulámos. Porque é preciso considerar os outros partidos, no seu modo de existir, real e pratico, e esse é manifestamente comprehendido na segunda hypothese.

Comtudo já o dissemos aqui, e bem é lembrá-lo mais uma vez: entre os *estados maiores*, conhecidos e consagrados como glorias partidarias, de cujos feitos são trophéus vivos os desastres da nossa administração, que tanto nos angustiam ao presente, que pesam tão dolorosamente no passado, e que tanto entenebrecem o futuro, e

o nosso *estado maior* suppostamente desconhecido, por não ser memorado nessas consagrações de convenção, não seremos nós, nem serão os nossos contendores, os que hão de escolher; ha de ser o paiz, quem ha de decidir.

## Cruzada a favor da boa imprensa

(Continuação)

### 3—A imprensa má

O fim *pratico*, que temos em vista, exige que ponhamos de parte a imprensa *scientifica* e *technica* ou *professional*. Fallemos principalmente da imprensa *vulgar*, cuja acção penetra *todas* as camadas sociaes sob o triplice ponto de vista politico, moral e religioso.

Assim como ha um *criterio infallivel* para distinguir o homem bom do homem mau, assim tambem o deve haver para distinguir a imprensa boa da imprensa má. O criterio de cada homem são as *suas accões*. Tal é a norma do Evangelho e do bom senso. E' pelo fructo que se conhece a arvore. As accões manifestam o homem, porque procedem da sua alma e são um retrato vivo della. E as accões afferem-se á luz da *ordem*, da *moralidade* e da *Religião*. O mesmo deve dizer-se da imprensa.

A imprensa má é essencialmente hostil á ordem, á moralidade e á Religião. Não quero dizer que ella se declare *aberta e francamente* tal, o que seria loucura manifesta; basta que seja tal pelas suas *tendencias*, pelas suas *doutrinas* e pelo seu *espirito* (modo habitual de julgar das pessoas e das coisas).

Posto isto, podemos facilmente estabelecer algumas normas geraes, reduzindo a nossa imprensa *popular* a tres categorias: *sociatista*, *republicana* e *politica*.

a) A *imprensa sociatista* é essencialmente inimiga da *ordem social*, e consequentemente das ordens moral e religiosa, que servem de base ao edificio social. E' portanto uma imprensa má, fructo e expressão de almas más, e destinada a perverter as almas dos operarios e a destruir a *ordem social*.

Promover o verdadeiro bem-estar physico, economico, intellectual, moral e religioso das classes laboriosas, aproximá-las das classes superiores e abastadas, por meio da fraternidade e communhão social, defender efficazmente os operarios contra o egoismo brutal e centralizador dos patrões, impondo a todos o respeito devido á dignidade humana e a todos os seus deveres e direitos legitimos, quer naturaes quer adquiridos, é um fim essencialmente bom e digno de todo o louvor. Mas a imprensa *sociatista* mira a *outros* fins e lança mão *doutros* meios. Perverte o operario, subtrahindo-o ao influxo salutar da Religião, destroe a *ordem social*, negando o principio de propriedade, e prepara a revolução, fo-



mentando o odio dos operarios contra os patrões e contra as classes abastadas. Por isso o operario socialista não é um homem regenerado e digno; é, como todos os dias o estamos vendo, uma alma negra, cruel, egoista, sensual, sedenta de sangue e de revolução, sem respeito pela dignidade e liberdade alheias.

b) A imprensa republicana, tal como se apresenta entre nós, é uma imprensa má, porque é essencialmente anti-religiosa e ordinariamente immoral. O ideal desses homens é o Estado atheu, ou melhor o Estado despótico e oppressor da Igreja e da consciencia catholica. Fallam muito de liberdade; mas essa só a querem para si e para opprimir os que não pensam como elles. São homens sem respeito pela consciencia e liberdade alheias. Não ha perseguição religiosa que elles não promovam e em que não tomem parte activa.

O mal não está propriamente na republica, considerada como forma democratica de governo, mas na especie de republica que elles pretendem realizar, isto é, na republica maçonica. Salvo raras excepções, os nossos republicanos são ou mações adeptos, ou dominados pelo espirito da maçonaria. Ora a maçonaria é uma seita politico-anti-religiosa, cujo unico ideal é o triumpho da carne e das paixões. A maçonaria só reconhece dois inimigos irreconciliaveis: a Igreja, como sociedade, e o catholico theorico e pratico. As suas armas de combate são o odio, o desprezo e a calumnia, e o seu proselytismo consiste em subtrahir o povo á influencia educadora e moralizadora da Igreja.

Os jornaes republicanos são os agentes principaes da acção maçonica. Em politica, querem o Estado atheu e a abolição do culto publico; em instrucção, querem a escola neutra, isto é, sem Deus e sem moralidade; na vida individual e domestica, defendem a abolição da familia, pelo concubinato civil ou legal, a que dão o nome de casamento, e pelo registo civil, que é a profissão legal da descrença religiosa. Tal é em seus traços fundamentaes o espirito maçonico.

c) A imprensa politica de rotação obedece em parte ao espirito maçonico e está totalmente penetrada do liberalismo religioso, que é o primeiro passo para o atheismo social.

A Igreja e o Estado são independentes, cada qual na sua propria esphera. Mas essas esferas de acção penetram-se em parte.

Ha providencias politicas, que implicam necessariamente com a moral e com a Religião, e nestas a Igreja tem necessariamente de intervir, como auctoridade divina, unica e universal, em questões de fé e de moral. E nestas materias não é a Igreja que deve ceder ao Estado, é o Estado que deve submeter-se á Igreja.

Ora o liberalismo religioso tem de fatalmente a subordinar a Igreja ao Estado, considerando-a como um poder usurpador, suspeito e inimigo. Dahi esse arsenal de leis destinadas a restringir e coarctar a liberdade de acção da Igreja, a subordinar a formação, eleição e acção do clero ao poder civil, ou melhor aos caprichos dos politicos dominantes, e a tolher a liberdade de seguir os conselhos evangelicos, pela profissão e vida religiosa. Sobre estes tres pontos estão de accordo todos os que se chamam liberaes, em sentido religioso e não em sentido exclusivamente politico; e os que não passam mais além, são os melhores entre elles, são os santarões do partido.

Estes principios constituem o espirito dos que se alcunham de libereses em questões politico-religiosas; defendem-nos, quando é mister, e são a norma ou criterio constante segundo o qual julgam das pessoas e das coisas. Mas como muitos delles são de facto mações professos, e quasi todos são mais ou menos maçonizantes, dahi provem a hostilidade latente, e por vezes manifesta, que esses homens revelam para com a Igreja e seus mais dignos representantes, a connivença habitual com a imprensa desbragadamente maçonica, e até a guerra declarada que todos elles fazem, ás vezes, á Igreja, como ainda ha pouco se viu entre nós, na questão das ordens religiosas, em que quasi todos os jornaes politicos de rotação arvoraram a bandeira do jacobinismo. A imprensa politica de rotação é portanto uma imprensa má, e disso são responsaveis perante a consciencia todos os que a favorecem e promovem.

Continua.

## AGRICULTURA

Aos exportadores de vinhos

Convém que os exportadores de vinhos portugueses tenham presente que para evitar difficuldades na admissão de vinhos em algumas alfandegas da America, é necessario que as suas condições se ajustem inteiramente ás que para a sua importação determinam as leis dos respectivos paizes.

Os vinhos tintos não são admittidos em nenhuma das alfandegas da America, se contiverem mais gesso do que na proporção de 9 grammas por mil.

Em Buenos-Ayres admittem até 500 litros, por considerarem que esta quantidade não se importa alli para negocio, mas para o consumo particular de alguma familia; ainda assim não póde desfazer-se o temor de que o abuso se pratique em partidas de vinhos generosos, nos quaes as leis da Republica Argentina toleram até 4 grammas, pagando nesse caso 12 centavos por litro em vez de 8.

No Brazil é multado com um conto de réis por cada partida, seja grande ou pequena, o vinho que passe de 2 grammas.

Em Montevideu tambem não se admite o que exceder aquella proporção.

No Chile pagam os vinhos grandes direitos de alfandega. Como o paiz os produz, a legislação cresce de severidade contra as importações. Por este motivo é difficultoso ou impossivel alli todo o negocio de vinhos. Apenas as classes de vinhos superiores e de marcas de credito europeu e americano resistirão pelo seu elevado preço.

E' tambem de interesse extraordinario para os nossos exportadores saberem que para enviar vinhos a qualquer dos quatro mercados acima mencionados, não devem elles conter sulphato de potassa em maior proporção que 2 grammas por 1.000, pois são recusados por aquellas alfandegas, e são mandados reembicar para o ponto de partida, tendo de pagar aqui direitos, porque precisamente a causa do reembolso seria o excesso de gesso.

Os melhores mercados para a

exportação de vinhos na America são: Buenos Ayres, Montevideu e Mexico.

Actualmente não se recomendam os mercados de Valparaizo e do Brazil, o primeiro por produzir vinhos em quantidade bastande para abastecer o paiz, e o segundo pela penosa situação mercantil que soffre, á parte a competencia que é preciso sustentar com os vinhos hespanhoes.

Do Correio Nacional.

## Notas e Noticias

### PELO MUNDO

Contra os tísicos!

Como se sabe, em tempos que já lá se foram, na idade media, os leprosos eram banidos da sociedade, sendo recolhidos em leprosas. Hoje em dia parece que os leprosos não são tão temidos como os tísicos.

Nos Estados-Unidos, onde não se quer attender a circumstancia alguma, quando se trata da hygiene, foram decretadas medidas severas aos medicos sanitarios, afim de não consentirem nas suas terras, caso se reconheçam como taes ao tempo do desembarque, tísicos de procedencia alguma, devendo ser estes recambiados para as suas terras e á conta da companhia de navegação.

As cidades de Rockland e de Liberty vão ainda mais longe.

Esses sitios parece que são preferidos para a residencia dos tuberculosos; mas estes desgraçados são de tal modo vigiados, que ha pouco uns vinte d'elles foram presos e multados, quando andavam a passear nas ruas de Liberty, a pagar 25 francos cada um, por terem escarrado nas ruas publicas.

Em Rockland as auctoridades tomaram medidas ainda mais draconianas. Imposeram multa de 30 dolares a todo o director de hotel ou de qualquer estabelecimento, que aceitar tísicos; é sujeito á mesma

segredo. Estou indignado, meu general, do miseravel estado a que vos reduziram. E' um abominavel exemplo de ingratião e cobardia, que me faz ter horror á minha Patria: e quanto eu me orgulhava de ter por ella derramado o meu sangue, tanto agora me envergonho. Odio os logares, onde vi a luz do dia, e tenho piedade dos filhos, que gerei.

— Ah! meu amigo, voltou o heroe, qual é o paiz onde as pessoas de bem não têm sido victimas dos maus? — «Não, tornou o aldeão: este feito não tem exemplo. Ha na vossa desgraça alguma coisa de inconcebivel. Dizime quem foi o auctor de tal acção. Tenho mulher e filhos: mas encommendo-os a Deus e a meu pae, e vou arrancar o coração a esse traidor, que...» — Ah! meu filho, disse Belisario, apertando-o nos braços, a piedade cega-te e faz-te desatinar. Fazer eu dum valente um perfido! Dum bom soldado um assassino! Dum pae, dum esposo, dum filho virtuoso e amoravel, um scelerado, um homem perdido! Então é que eu seria digno de todos os males que me fizeram. Para ajudar teu pae e sustentar teus fi-

lhos, deixaste tu a defesa da Patria; e por um velho, que não tardará a expirar, e ao qual o teu zelo não póde valer, queres deixar teus paes e teus filhos! Dizime cá: julgas que, banhando-me no sangue de meus inimigos, me restituarias a mocidade e a vista? Seria eu por ventura menos desgraçado, se tu fosses criminoso.

— Não, decerto: mas pelo menos, diz o camponês, a morte terrivel dum malvado atemorizará os que com elle se parecem; porque eu irei buscá-lo, se tanto fôr necessario, ao pé do throno ou dos altares, e, cravando-lhe o punhal no peito, gritarei: E' Belisario a quem eu vingou! — E com que direito me havias tu de vingar, diz o velho em tom de auctoridade? Fui acaso eu quem tu deus, quando eu mesmo o não tenho? Ou queres usurpá-lo ás leis? — Exercem-no ellas, que nada mais quereis. Mas, já que ellas desprezam o homem innocente e virtuoso, e acariciam o culpado e deixam o crime impune, devemos abjurá-las, é preciso romper com ellas e reentrar no uso dos nossos direitos originarios.

A esprezeza dos negros

Escreve um militar:

E' proverbial, como se sabe, a esprezeza dos negros. Eu, se não o soubesse já, teria disso uma prova absoluta no seguinte caso, que passo a relatar.

Quando servi em Africa, tive por camarada um preto, que era um verdadeiro poço de intelligencia.

Um dia chamei-o e disse-lhe, entregando-lhe dez réis:

— Vai-me comprar cinco réis de sal e outros cinco de pimenta; mas não mistures tudo, como fizeste da ultima vez...

O preto foi, munido dum pires, á mercearia fronteira.

— Deite-me aqui cinco réis de sal, disse elle para o merceiro, o qual se apressou a servi-lo, deitando-lhe o artigo no fundo do pires.

— Agora dê cá cinco réis de pimenta, continuou o preto.

E pôs-se a pensar:

— Como hei eu de levar a pimenta no pires, sem que a misture com o sal?... Ah! já sei!...

E, num movimento rapido, voltou o pires, dizendo ao merceiro: — Bote aqui...

O homem deitou-lhe a pimenta no fundo do pires, e o preto veiu, muito contentinho com o seu expediente, trazer-me os artigos encommendados.

— Aqui está a pimenta, sior, disse-me elle, com o sorriso superior das intelligencias privilegiadas.

Estranhei um tanto aquella ideia do preto, de trazer a pimenta no fundo do pires, mas não lhe fiz observação alguma, limitando-me a dizer-lhe:

— Muito bem; e o sal? Onde trazes tu o sal?...

— O sal está aqui!... diz elle, voltando o pires, entornando a pimenta e ficando com uma cara muito admirada de não encontrar o sal do outro lado!

Em compensação, levou uma roda de conta-pés, tambem do outro lado...

## FOLHETIM (8)

### BELISARIO

(Tradução)

Em tanto que o aldeão assim fallava, seu filho, de pé diante do heroe, com as mãos juntas, a cabeça baixa, a consternação, a piedade e o respeito estampados no semblante, tinha sobre elle um olhar pensativo.

«Meu amigo, diz Belisario ao velho, agradeço-vos a boa vontade: porém trago commigo o bastante para chegar ao meu asylo. Mas confessai-me se sois tão feliz como amigo de fazer bem. Dissestes que vosso filho serviu ás minhas ordens: isso basta para que eu me interesse por elle. Dizime cá: E' elle prudente, trabalhador, bom marido e bom pae?» — «E', respondeu o camponês enternecido, a minha consolação e alegria. Deixou a vida militar, por morte de seu irmão mais velho, coberto de gloriosas cicatrizes; ajuda-me nos trabalhos

e é o sustentaculo da minha velhice; casou com a filha dum meu amigo e o Ceu abençoou esta união. E' esperto, mas sua esposa é cheia de brandura. Minha filha, que aqui tendes na vossa presença, não é menos feliz. Deilhe um marido moço, prudente e homem de bem, ao qual ella ama e de quem é amada. Tudo prospera consoladoramente, e eu revejo-me com alegria nos netinhos, que o Ceu dá á minha velhice. Assim me avizinho da sepultura com menor sentimento, considerando que elles ainda me hão de amar e abençoar, depois de eu deixar este mundo.» — «Ah! meu amigo, lhe tornou Belisario, como eu vos tenho inveja! Tambem tive dois filhos, que eram a mais bella das minhas esperanças: mas vi-os morrer ao meu lado. Na velhice, resta-me apenas uma filha, por seu mal, e tambem meu, demasiadamente sensivel. Mas seja o Ceu louvado: os meus dois filhos morreram combatendo pela Patria!» Estas ultimas palavras do heroe acabaram de despedaçar a alma do moço aldeão, que o escutava.

Consequentemente tomaram todos uma refeição ao modo do

campo, na qual Belisario semeou doce alegria, demonstrando aquella pobre gente o valor da sua tranquilla obscuridade. «E' este, dizia elle, o estado de vida mais ditoso, e todavia o menos desejado: tão pouco são dos homens conhecidos os verdadeiros bens.»

Emquanto durou a refeição, o filho da casa, mudo, pensativo, preocupado, não tirou os olhos de Belisario; e, quanto mais o contemplava, mais o seu aspecto se mostrava carregado e o olhar sombrio. «Aqui está meu filho, disse o bom velho, a lembrar-se das vossas campanhas: não se cansa de vos contemplar com ardentes olhos.» — «Decerto que ha de ter difficuldade em reconhecer o seu general.» — «Fizeram quanto poderam, disse commovido o moço, para o desfigurar; mas a lembrança que delle têm os seus soldados não permite que o esqueçam jámais.»

Quando Belisario se despediu de seus hospedes: «Meu general, disse o filho do velho camponês, permiti-me que vos acompanhe alguns passos.» E quando já iam a caminho: «Consenti, proseguiu, que o vosso guia nos proceda algum tanto; desejo fallar-vos em

(Continua).



## Elephantes soltos

Na feira de Novogorod (Russia) houve ha dias um incidente tragico.

Oito elephantes, enfurecidos, demoliram as paredes da jaula e precipitaram-se através da cidade, espalhando o terror e matando ou ferindo todos os habitantes que encontraram na passagem.

Contam-se mais de cem mortos e feridos. E' incalculavel o numero de carros e omnibus voltados, de mostruários partidos ed e arvores e postes telegraphicos arrancados pelos elephantes.

## Operario sem trabalho

(ANECDOTA)

E' levado á presença do juiz um pobre diabo accusado de vadiagem.

— Eu não sou vadio, sr. juiz, protesta elle, de mão no peito: eu sou um operario sem trabalho.

— Desde quando está vossemecê sem trabalho? interroga o juiz.

— Desde que tive a infelicidade de perder minha mãe! responde o accusado, com a voz entrecortada por soluços.

O juiz, commovido:

— Coitado! E de que morreu sua mãe?

— Morreu, de parto, ao dar-me á luz, sr. juiz! exclama o homem suffocado em lagrimas...

## NO PAIZ

### Rectificação

Amigos da verdade, que temos por unico norte, devemos aos nossos leitores a rectificação seguinte.

Tendo lido em varias folhas que o snr. presidente do conselho e o snr. ministro das obras publicas haviam desconsiderado gravemente o benemerito Arcebispo de Goa e Patriarcha das Indias, não duvidamos consignar aqui a triste noticia, acompanhando-a da critica que os casos nos suggeriram.

Vendo porém desmentidos em diferentes periodicos aquelles factos, se por um lado lamentamos a criminosa leviandade com que a imprensa gratuitamente assaca accusações gravissimas, para encher as suas columnas e satisfazer o estragado gosto duma sociedade ávida de mentira, applaudimo-nos de poder levantar, perante os leitores, o cargo que injustamente, embora com recta intenção, fizemos áquelles dois estadistas.

Mas, restabelecendo a verdade dos factos, não é nosso intuito tirar a devida significação á critica que então fizemos e que sempre, ainda mal, tem demasiado fundamento.

### Olha quem!...

Nos ultimos dias, tem-se fallado bastante na imprensa dumas nomeações que alguns ministros, e nomeadamente o snr. presidente delles, fizeram de certos parentes e amigos para logares rendosissimos.

Isto não é novidade nenhuma; pois não ha ahí ninguém que ignore que o primeiro cuidado dos ministros da rotaçáo é pôr em segurança o futuro da sua familia.

Até já houve ministro, que se não envergonhou de publicar numa reunião solenne que aceitava o cargo de ministro, para servir os seus amigos politicos. De parentes não fallava, porque era facil de subentender, como depois os factos

confirmaram, que a caridade bem regulada devia principiar pelos de casa.

O que porém achamos curioso nesta questão é que os jornaes, que mais nella se têm distinguido, são *O Dia* e *A Tarde*.

O primeiro é creatura do tal ministro, que julgava superfluo dizer que queria subir aos conselhos da coroa para collocar bem os parentes.

O segundo é o órgão dum presidente de ministros, que ultimamente, á mingua de parentes que ainda estejam sem rendosa collocáo, tem escandalizado o paiz pelas promoções com que lhcs mette no bolso grossos contos de reis.

E são estas santas creaturas as que se arrogam a missão de doutrinar o mundo!

## Violencias

O governo tem mandado apprehender, ha dias a esta parte, alguns jornaes de Lisboa, prohibindo a sua circulaçáo, e mandou á imprensa uma circular, em que determina que se não discuta, senáo até certo ponto, a viagem que El-Rei anda fazendo pelo estrangeiro.

Ninguém sabe ao certo qual o motivo de semelhante procedimento, mórmente no que toca á violenta apprehensão dos jornaes, que nada mais faziam do que atacar o presidente do governo.

Temos para nós que este systema da violencia, bem longe de atingir o fim alvejado, antes escancarara mais os segredos que tanto se querem occultar.

Que se ponha freio á imprensa, quando ella se desmanda, achamos que é uma das primeiras necessidades sociaes: mas que, sem motivo plausivel, se persiga quem quer que seja, é attentado á liberdade, que só ficará bem naquelles que costumam dar ás coisas os nomes contrarios do que ellas são.

Mas, apesar de todos os esforços por occultar a verdade ao paiz, ella ha de saber-se algum dia; porque está escripto que nada ha occulto, que se não chegue a saber.

## EM GUIMARÃES

### Arcebispo Primás

Esteve nesta cidade, na passada quinta-feira, o Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo de Braga.

### Commendador Teixeira

Na ultima quinta-feira, celebraram-se na Igreja do Seminario solennes exequias pela alma do nosso extinto amigo, o saudoso Commendador Manuel José Teixeira.

Na quarta-feira de tarde haviam-se cantado Matinas do respectivo officio.

O templo estava armado de crepes e tinha no meio um elegante catafalco.

Foi celebrante o Exc.<sup>mo</sup> Dr. João Nepomuceno Pimenta, dignissimo Vice-Reitor do Seminario Conciliar de Braga.

Além de numerosos amigos do finado, assistiram áquelles religiosos actos todas as pessoas da sua familia e os alumnos do Seminario-Lycceu.

### Protestantismo

Informam-nos que continúa a fazer-se por ahí descarada propaganda protestante, pela distribuição de pamphletos sectarios.

Chamamos a attenção da respectiva auctoridade para estes factos, que são gravissimos em si, e muito mais pelo que significam.

## Contribuições

Por tempo de quinze dias, acha-se patente na secretaria da administração do concelho a relação nominal dos individuos residentes nesta cidade, que são devedores ao Estado de contribuição predial, industrial, de renda de cas e sumptuaria, relativas ao anno de 1901.

Passado aquelle prazo, se não tiverem sido satisfeitas as referidas dividas, serão os devedores relaxados e executados nos termos da respectiva legislação.

## Passal

Foi retirada da praça, que devia realizar-se no dia 17, a parte do passal do Rev. Abade de Polvoreira, denominada "Casa do Caseiro".

E' a parte descripta na verba 1.<sup>a</sup> da lista 8:228.<sup>a</sup>

## Asylo de Santa Estephania

No mês passado foram entregues ao Asylo de Santa Estephania as seguintes esmolas:

Da commissáo do Club dos Caçadores, 36 pombos mortos; dum anonymo, 1 alqueire de feijão e 1 pipó com vinho; de D. Maria José Leal Sampaio, 500 réis; de Antonio Augusto de Almeida Ferreira, 1\$000 réis; de João Fernandes de Mello e esposa D. Eulalia da Cunha Costa e Mello, 25 metros de panno preto e 18 metros de flanela; de Joaquim Ferreira dos Santos, 2\$500 réis, para soffragar a alma de Manuel Pinheiro Guimarães.

## Preço dos cereaes

No mercado de hoje, venderam-se nesta cidade os cereaes pelos preços seguintes:

Milho branco .....	650
» amarello .....	620
Feijão rajado .....	760
» branco .....	1:050
» amarello .....	820
» vermelho .....	1:200
» frade .....	840
Painço .....	580
Milho alvo .....	700
Centeio .....	700

## Caridade

Recommendamos á caridade dos nossos leitores o pobre Antonio Pereira de Mesquita, que se acha entretavido, e não tem quem o sustente, nem á mulher e filhos, de que se vê cercado.

Mora na rua da Alegria n.º 29.

## LITTERATURA

### APOLOGOS

I

Um pardal, que invejoso um aivão vira  
A's nuvens remontar-se generoso,  
De a par delle voar á gloria aspira;  
Bate as asas veloz, vóa vaidoso.  
Mas mal do vento a região subira,  
Um borbotão, soprando revoltoso,  
O triste envolve, leva arrebatado,  
E o lança no alto mar precipitado.

Mostra este exemplo a quem o considera,  
Que facilmente co'a ruina encontra  
O que, vão, quer sair da sua esphera.

II

Compadre grillo (a um grillo, que vivia  
Junto della, dizia uma toupeira),  
Não cante tanto. E o grillo lhe volvia:  
Sempre, comadre, foi grande palreira;  
Que lhe importa o meu canto? E prosegueia  
Em cantar todo o dia e a noite inteira:  
Té que um gallo, que alli porto morava,  
De sua voz chamado, o devorava.

Este exemplo, loquaz, falla comtigo:  
A solta lingua enfreia, se não queres  
Na lingua achar talvez o teu castigo.

III

Uma aguia generosa a uma andorinha  
Motejando dizia: forte presa,  
E forte bico tens, ave mesquinha!  
Teu genio ver de perto o sol despreza,  
Voando á terra sem cessar vizinha:  
De taes dons graças dá á natureza.  
Mas, em quanto vaidosa assim discorre,  
A's mãos de um caçador a triste morre.

Neste exemplo vereis, oh vós vaidosos,  
Qu'os pobres, qu'os humildes, qu'os pequenos  
Mais seguros estão que os poderosos.

IV

Um rato, que a primeira vez saia  
Do sombrio buraco, onde vivia,  
Ao ver-se sobre a terra, quanto olhava  
Espanto tudo e admiração lhe dava.  
Mas o que mais o tinha embellezado  
Era a pelle de um gato bem malhado,  
Que meneando a colla se dispunha  
Nelle a empolgar a retorcida unha:  
Quando um gallo emproado passeando  
No meio de ambos se metteu cantando.  
O ratinho de o ver todo medroso,  
No buraco se esconde pressuroso;  
Onde a mãe, qu'impaciente ha muito o espera,  
Lhe pergunta o que viu e o detivera.  
Mil cousas vi, que de prazer me encheram,  
E ali (lhe torna o filho) me prenderam,  
Mas entre todas o que vi mais bello  
Foi, mãe, um animal branco e amarello,  
Que os olhos tendo sobre mim pregados,  
De longe me fazia mil agrados;  
Mas outro que em dous pés só se sustinha,  
E uma coroa na cabeça tinha,  
Gritando a mim se volve cheio de ira,  
E me matára, se lhe não fugira.  
Então a mãe lhe diz: filho innocente,  
O animal, que te olhava brandamente,  
Devorar-te queria carniceiro;  
E esse, de quem fugindo vens ligeiro,  
Da morte te livrou e foi tua guarda.

Deste conto consiste a intelligencia  
Em quanto erra e se engana tristemente  
Quem se move a julgar pela apparencia.

V

Um gallo, que famelico, pastando,  
Num pardieiro vigilante andava  
Com as unhas a areia esgravatando,  
Um bello diamante acaso achava  
Entre a miuda areia scintillando,  
E junto delle um grão de milho estava:  
O gallo ao milho sem demora avança,  
E c'os pés para trás a pedra lança.

O gallo, que despreza o diamante  
Pelo milho, nos mostra que devemos  
Escolher antes o util, que o brilhante.

VI

A raposa c'o grou fez sociedade  
Para comer com elle em companhia,  
Para a bolça cada um dando ametade.  
Farta era a mesa; mas de que servia  
Das viandas do grou a variedade,  
Se em quanto dous bocados mal comia.  
A raposa o banquete devorava,  
E do simples á custa gorda andava?

Se nossa perdição não desejamos,  
Olhar devemos, como o exemplo ensina,  
Antes de contratar, com quem tratamos.

VII

Um lobo de voraz fome acoçado,  
Não achando outra preia, perseguia  
Os passaros, que saltam pelo prado:  
Mas por demais após elles corria,  
Por demais brande a garra e salta irado,  
Que o mesquinho nenhum colher podia:  
Quando um gato, que morto se affectava,  
Em tanto a seu prazer muitos caçava.

Este exemplo, leitor, póde ensinar-te,  
Que da vida no trato muitas vezes  
O que não vence a força, vence a arte.

VIII

C'uma lebre um coelho se ajustava  
Para a vida passarem communmente;  
A mesma lousa a ambos abrigava,  
A pastar ambos iam juntamente.  
Mas o coelho tanto retouçava  
Que presentidos eram facilmente;

Té que a lebre, que em vão o aconselhára;  
Da sua companhia se sepára.

Esta fabula a todos admoesta,  
Que de um genio inquieto e revoltoso  
A sociedade para nada presta.

IX

Uma velha raposa abriu matreira  
Aos coelhos um fojo muito alto;  
E se pôs a esperá-los sorradeira.  
Nisto deu de entre a selva um lobo um salto;  
Ella então a fugir entrou ligeira.  
Mas o tino perdeu c'o sobresalto.  
E no fojo caíu, e ficou presa,  
E alli a devorou do lobo a presa.

Esta fabula mostra que a mentira,  
Que a calumnia mil vezes presa fica  
Nos mesmos laços, que á innocencia urdira.

X

Os ratos, que se víam cruelmente  
Ser o cevo dos gatos, assentaram  
Em seu favor chamar os cães valentes.  
Vêm estes, e depois que destroçam  
O ardiloso animal c'o forte dente,  
Contra os mesquinhos ratos se voltaram;  
E em pouco tempo não se viu um gato,  
Mas tambem se não viu nem um só rato.

Aos fracos este exemplo lhes ensina,  
Que a alliança c'os fortes muitas vezes  
Maior estrago lhes traz, maior ruina.

XI

Um lobo que comêra um bom carneiro,  
Para a caça prear mais facilmente,  
Com sua pelle se cobriu matreiro.  
Assim saíu das brenhas mansamente.  
E sobre a relva se deita sorrateiro.  
A raposa, que o mede attentamente,  
Senhor lobo, lhe disse, não me engana,  
Que o rabo de quem é me desengana.

Esta fabula mostra que o prudente  
Tudo attento especula, tudo adverte,  
E enganar-se não deixa facilmente.

Elpino Nonacriense.

## ANNUNCIOS

### Padre Silva Gonçalves

### O meu coração

Com o retrato do auctor e uma carta-prefacio do Dr. Alberto Pinheiro

Preço 500 réis

Vende-se nas livrarias, e póde requisitar-se do auctor, com esta direcção:

PADRE SILVA GONÇALVES

Pharmacia Monteiro

Caldas das Taipas.

## OBRAS ORATORIAS

DE

S. Leonardo de Porto Mauricio

Tradução do Conego Miguel Ferreira de Almeida, «Redactor da Revista Catholica».

Esta obra, que é um excellente repositório de doutrina e piedade, exposta por maneira eloquentissima, é publicada em Vizeu, pela Empresa da "Revista Catholica," á qual devem ser dirigidos todos os pedidos.



**PAPELARIA**

**e Typographia Minerva Vimaranesse**

RUA DE PAYO GALVÃO (Em frente ao mercado)

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes, participações de casamento e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia, rotulos para pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Impressões a cores, e cartões de visita em todos os formatos.

*Albano Bellino*

**Archeologia Christã**

Descrição historica de todas as igrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães. Publicação commemorativa do Jubileu Universal do Anno Santo, illustrada com 66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notaveis das duas cidades do Minho.

Cada exemplar, com 300 paginas, 1:000 réis.

A venda na tabacaria de Augusto da Cunha Guimarães,

RUA DA RAINHA—GUIMARÃES

**DICCIONARIO APOLOGETICO**

**DA FÉ CATHOLICA**

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR **J. B. JAUGEY**

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO FRANCESA

POR **José Lopes Leite de Faria**

Presbytero, professor no Seminario-Lyceu de Guimarães

Com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42—1.<sup>o</sup> andar—Porto.

**SEM RIVAL!**

No estabelecimento de ARTHUR JOAQUIM REBELLO.

Café puro, especial, moido só á vista do freguez, moendo cada machina a sua especialidade.

MOKA ..... kilo 850  
S. THOMÉ ..... kilo 700

Abatimento de 20 reis em cada kilo ao freguez que compre por moer.

EXPERIMENTEM  
PARA AVALIAR O QUE HA DE ESPECIAL NESTE ARTIGO

**Officina de encadernação da**

**Typographia Minerva Vimaranesse**

Rua de Payo Galvão

Nesta Officina executam-se todos os trabalhos dencadernação, brochuras, cartonagens, desde os mais simples aos mais difficeis na arte, para os quaes tem um escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e um habil artista.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

**OS CENTROS NACIONAES**

PELO **DOM PRIOR**

**Manoel d'Albuquerque**

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim de Oliveira Bastos—Rua de Payo Galvão.

Preço 300 réis